



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

**A TRAJETÓRIA ESCOLAR DO ALUNO SURDO E SUA
INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR**

Rachel Gercina de Sousa Moreira

RIO DE JANEIRO

MARÇO/2020

RACHEL GERCINA DE SOUSA MOREIRA

**A TRAJETÓRIA ESCOLAR DO ALUNO SURDO E SUA
INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de monografia apresentado ao final do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de graduação. Orientada pela professora Renata Razuck.

RIO DE JANEIRO

MARÇO/2020

Anexo 3: Ata de defesa de monografia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 31 dias do mês de agosto de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: A TRAJETÓRIA ESCOLAR DO ALUNO SURDO E SUA INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR da graduanda Rachel Gercina de Sousa Moreira, DRE 114090539, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelos professores: Rosangela Carrilo Moreno, Luciano Prado da Silva e Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck, esta na condição de orientadora e presidente da sessão. Às 14:30h, a sessão foi aberta, convidando-se ao/à candidata a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que a candidata dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, o/a presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia aprovada com a nota 9,0. A presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 16:30h. E, para constar, eu, Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck, lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todo os membros da Banca e a candidata.

Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck – orientadora

Rosangela Carrilo Moreno – professora

Luciano Prado da Silva – professor

Rachel Gercina de Sousa Moreira – candidata

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus o único digno de receber toda glória e louvor, por ter me dado forças nos momentos mais difíceis e ter me ajudado a concluir este projeto.

A minha família e meu noivo por todo o suporte e amparo, sem vocês eu não teria alcançado este mérito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela misericórdia, graça e amor que recaem sobre mim todas as manhãs, Tua graça me alcançou e serei eternamente grata.

Aos meus pais Cristiane e Alexander e minha avó Esther, por fazerem o possível e o impossível por mim ao longo destes 23 anos e por todo o investimento na minha formação. Amo vocês.

A minha irmã Alessandra pela força e incentivo sempre, obrigada por me ouvir em todos os momentos. Sem você eu não teria conseguido.

Ao meu noivo Pablo pela coragem, carinho e amor. Por sempre me compreender nos diversos momentos e me fazer pensar no lado positivo das coisas. Você é o melhor!

As minhas amigas de graduação pelas vivências juntas durante esses anos todos, por cada palavra de força e perseverança. Juntas conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

A minha querida orientadora Renata Razuck que me recebeu de braços abertos depois de muitas reviravoltas. Sua orientação e atenção dispensada foram essenciais para que o projeto fosse concluído.

Aos alunos do curso Letras/Libras da UFRJ que permitiram o uso da entrevista na pesquisa, suas histórias me encorajam a continuar minha formação na área da inclusão de alunos surdos.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro e todos os professores do curso de Pedagogia que sempre proporcionaram a troca de ideias.

A última e não menos importante, minha primeira professora de Libras Márcia que me fez conhecer este universo da cultura surda, desde o momento que aprendi a Libras e aos surdos eu já sabia que este era o caminho que queria seguir na minha vida profissional. Obrigada!

EPÍGRAFE

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa... Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos... Quando eu aceito a Língua de Sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.”

Terje Basilier

RESUMO

Este projeto de pesquisa busca compreender a trajetória escolar de alguns alunos surdos e a sua relação com a inserção no Ensino Superior, especificamente na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tendo como método de investigação a abordagem qualitativa procuro aqui averiguar por meio de questionários os fatores que ao longo de sua trajetória escolar contribuíram para o seu aprendizado e desenvolvimento na escola básica e quais os desafios e possibilidades por eles encontrados no Ensino Superior. Analisando a história dos alunos surdos ao redor do mundo e também no Brasil observa-se o quanto o contexto da normatividade é imposto a estes alunos, excluindo toda sua língua, identidade e cultura.

Palavras-chaves: Educação de surdos; Trajetória Escolar; Inclusão de surdos; Surdos na educação.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é mitificante. É práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 1970, p.43)

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
EPÍGRAFE	6
RESUMO	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - UM BREVE RELATO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO	10
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	20
CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
BIBLIOGRAFIA	30

INTRODUÇÃO

A abordagem geral deste tema é muito importante para o âmbito educacional, porém pouco discutido no Ensino Superior. A trajetória escolar do aluno surdo é carregada de dificuldade e estigmas ao longo de seu contexto histórico e atual. Ao analisar a trajetória da vivência do aluno surdo é necessário reconhecer que este se constitui como um sujeito histórico em seu tempo e que perpassou muitos ambientes educacionais para que lhe fosse garantido um acesso à educação. Tendo como objetivos a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem do surdo na educação básica, pretendemos verificar as políticas públicas educacionais existentes para a inserção deste aluno e investigar sua recepção na UFRJ e como ocorre a sua inclusão. Nesta pesquisa utilizamos os pressupostos da pesquisa qualitativa, por ser a forma mais adequada na compreensão do percurso do aluno surdo, buscando explorar, por meio de questionários, informações pertinentes sobre suas trajetórias educacionais. Desta forma buscamos compreender a falta de assistência e de políticas públicas educacionais na garantia de uma educação de qualidade para os surdos do ensino básico ao ensino superior.

CAPÍTULO 1 - UM BREVE RELATO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO

Desde cedo aprendemos que a história é a ciência que investiga acontecimentos passados e o que ela representa e defende pode ter uma grande influência no que pensamos e naquilo que acreditamos. Quando se pensa sobre a história dos surdos na educação não nos questionamos em quem conta a história, como conta e para quem conta e isso é de grande valia para observar consequências futuras. Na história da educação dos surdos por muito tempo a versão do colonizador é a predominante, excluindo totalmente sua língua, sua história e qualquer tipo de reconhecimento e voz que este grupo social poderia ter.

Inseridos sob o domínio de uma cultura ouvinte que desde os primórdios tomou decisões significativas a respeito de como conduzir a vida em sociedade das pessoas surdas, sem se colocar no lugar ou pensar minimamente em como viviam e como de fato deveriam viver, estes sujeitos sociais conviveram com o preconceito, o isolamento e a falta de oportunidades por não poderem se expressar em relação a nenhum assunto.

Atualmente os surdos ao redor do mundo possuem leis que asseguram seus direitos à educação, saúde, emprego e que principalmente garantem a aceitação da língua natural dos surdos, a língua de sinais. É a comunicação através dela que possibilita sua aprendizagem e desenvolvimento, porém nem sempre o surdo e sua cultura foram aceitos, houve muitos percalços para chegar ao momento em que estamos hoje. Ainda é necessário que ocorram muitos avanços para que essa língua e cultura sejam reconhecidas e além disso garanta de fato sua inclusão. Contudo procuramos aqui trazer um recorte histórico do início da educação de surdos ao redor do mundo.

Pode-se compreender que os surdos sempre existiram, porém em diferentes países do mundo e em diferentes épocas eram vistos de formas distintas, muitas vezes não eram reconhecidos como indivíduos sociais.

Na Grécia os meninos começavam a ser preparados a partir dos sete anos para a guerra ou para a defesa da polis, as crianças que nasciam com qualquer deficiência eram eliminadas, pois não seriam capazes de servir ao exército ou de receber instruções nas academias. Desta maneira na Idade Antiga as pessoas que nasciam surdas eram consideradas inválidas e, por conta, disso condenadas à morte. Já no Egito ou na Pérsia da idade antiga se pensava que mantiam segredos com os deuses e por isso eram privilegiados, conforme descrito por Strobel. Diante destas primeiras evidências históricas é notável a discrepância dos fatos e de quão significativo era nascer surdo em determinados lugares. É possível observar também como se inicia este processo de exclusão social, pela forma como a sociedade marginaliza o diferente, tentando impor sua ordem cultural sobre determinado grupo, se caracterizando como uma ideia de colonialismo sobre o indivíduo.

A filosofia também teve sua contribuição na história da educação de surdos. Sanches (1990) relata que para Aristóteles quando a pessoa não tinha a capacidade de se comunicar por meio da língua oral não era possível que houvesse linguagem ou pensamento, porque para ele a audição é de todos os sentidos humanos a que contribui para formar a inteligência e o conhecimento. Este ainda é um pensamento presente na nossa atual sociedade, onde o indivíduo que possui qualquer tipo de deficiência é marginalizado por suas diferenças e tido até mesmo como inválido. Em Fundamentos da Defectologia, Vygotsky (1997) procura romper com esta visão acerca da deficiência e propõe a concepção sócio-psicológica que visa compreender a deficiência não como incapacidade, porém como forma de buscar superação por meio da deficiência.

No início da Idade Média (476-1453) os surdos eram julgados como sujeitos estranhos e eram comumente colocados na fogueira com o objetivo de que fossem exterminados. Na Igreja Católica eram considerados incapazes de receber a comunhão e não podiam se confessar com os padres. Também foram proibidos de se casar e de receber heranças de família.

É na Idade Moderna, a partir do século XVI que as famílias começam a se preocupar de fato com o destino de suas heranças e começam a buscar

formas de instruir os filhos surdos. Pedro Ponce de Leon, monge espanhol é considerado o primeiro professor de surdos do mundo. Ele utilizava como forma de ensino a escrita e a oralização. Também ensinava conceitos de física, astronomia e alguns idiomas.

O método oralista ¹utilizado por muitos à época teria como ideia principal a característica que o surdo precisa aprender a língua falada para se integrar a comunidade pertencente. Essa era uma metodologia que se utilizava de recursos violentos para forçar a aprendizagem dos alunos. É um processo demorado e que é “motivado” por determinadas variantes como: nível de surdez e envolvimento familiar na aprendizagem do aluno. Segundo Doria era necessária tempo para a criança desenvolver a fala (1954, p.156), “por meio de um longo e especializado curso de treinamento.”

Juan Pablo Bonet (1579-1623) um dos pioneiros na educação de surdos o padre espanhol, utilizava a oralização como metodologia assim como Pedro Ponce de Leon, contudo aplicava o uso de alfabeto manual. Essa forma diferente de ensinar construía um significado na comunicação espaço-visual do indivíduo surdo.

Imagem 1 - Alfabeto manual de Juan Pablo Bonet



¹ O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Goldfeld (2002, p.34 apud KALATAI E STREIECHEN [s/d], p.5).

Entretanto, é apenas no século XVIII que a língua de sinais começa a ser difundida e divulgada pelo abade Charles Michel de L'Épée. Ele teve contato com duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam por meio de gestos, o que o levou a iniciar seus estudos com essa forma de comunicação. Em seguida, L'Épée passou a instruir os surdos em sua casa, utilizando uma combinação de língua de sinais e gramática francesa sinalizada. L'Épée percebeu o que até então ninguém tinha percebido: a possibilidade de fazer com que os surdos, por meio da língua de sinais aprendessem sem precisar usar a língua oral. Por conta disso, recebeu muitas críticas de educadores oralistas. Como seu trabalho deu certo ele fundou a primeira escola pública para surdos que foi instituída como Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, atualmente conhecida como Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris. Para L'Épée todos os surdos-mudos² que recebia já tinham uma linguagem e só precisavam encontrar a forma de estabelecer uma comunicação, assim como as pessoas que fazem uso da língua oral. Como descreve em sua obra “La véritable manière d'instruire les sourds et muets confinée par une longue expérience”, citada por Carvalho (2011):

Ensinar surdos é menos difícil do que normalmente se supõe. Apenas temos que introduzir nas suas mentes através dos olhos o que tem sido introduzido nas nossas próprias mentes através dos ouvidos. (L'ÉPÉE, 1784, apud CARVALHO, 2011, p. 37)

Não se sabe ao certo quando as línguas de sinais foram criadas, no entanto compreende-se que são criações espontâneas e que da mesma forma que a língua oral, se expande com a necessidade de seus usuários. Portanto, a língua de sinais é a língua natural dos surdos, ela promove uma interação e estrutura espaço-visual para o surdo. É composta por níveis linguísticos tais como: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, etc. A língua de sinais não é estática e nem universal, assim como a língua oral ela recebe influências de acordo com a região em que é sinalizada e por conta disso pode sofrer variações regionais, o que a torna ainda mais reconhecida como língua.

² Surdos-mudos era a expressão utilizada na época para as pessoas surdas.

Outra importante referência da educação de surdos ocorre em 1814 nos Estados Unidos, quando o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet, observando crianças brincando em seu jardim percebe que uma criança era rejeitada pelas outras por ser surda. Como na época não existia uma escola de surdos no país, ele vai à Europa procurar métodos de ensino.

Após procurar na Inglaterra e ser rejeitado por uma escola que mantinha a educação por meio do método oral, ele conhece na França Laurent Clerc, membro do Instituto Royal dos Surdos-Mudos. Então conhece a metodologia por eles ensinada no instituto com o uso da língua de sinais francesa e ao final de sua viagem convida Clerc a voltar com ele para os Estados Unidos a fim de aprender de fato a língua de sinais e também fundar uma escola voltada para educação de surdos no país. Nos Estado Unidos, Laurent Clerc se torna o primeiro professor surdo de alunos surdos. E desta forma a língua de sinais francesa é adaptada de modo a criar a língua de sinais americana.

No Brasil chega em 1855 o professor surdo Eduardo Huet, vindo de Paris com uma carta de recomendação do ministro da Instrução Pública da França, ele foi ex-aluno do Instituto Nacional de Surdos de Paris e chega ao Rio de Janeiro, com a intenção de fundar a primeira escola de surdos do país. Após dois anos foi inaugurado o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, na época servia também como asilo de meninos surdos, hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos.

D. Pedro II que com a lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, fundou no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, sob a influência de diretor do Instituto Bourges, de Paris, Ernest Huet. Cem anos após sua fundação, pela lei nº 3.198, de 6 de julho de 1957, a instituição passou a se chamar Instituto Nacional de Educação dos Surdos. (INES apud PEREIRA, 2008, p. 5).

A língua de sinais brasileira foi criada a partir da junção de gestos que os surdos brasileiros utilizavam e pela influência da língua de sinais francesa.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, Alexander Graham Bell, um dos representantes mais influentes do oralismo, era defensor do oralismo puro, vinha de uma família com tradição no ensino e treinamento de audição e de fala com os alunos surdos, sucedeu as experiências e trabalho do pai estudando a acústica e a fonética. Envolvido com o movimento eugenista, Bell publicou entre os anos de 1870 e 1890 artigos criticando a língua de sinais, o casamento entre pessoas surdas e a cultura surda, pois se os surdos tivessem filhos caracterizaria um desastre para a sociedade. Conforme descrito, para Bell:

Isso não resultaria no aperfeiçoamento desejado, visto que mesmo que fossemos ao extremo de matar todos os indesejáveis, de forma a impedir a sua propagação... isto diminuiria a reprodução dos indesejáveis, sem aumentar a reprodução dos desejáveis. (LANE, 1992, p.192)

Um marco na educação dos surdos e um fator modificador da história foi o Congresso Internacional de Surdos que ocorreu em Milão no ano de 1880. Nesse evento educadores do mundo todo se reuniram para debater sobre a educação de surdos. De fato, este acontecimento gerou grandes mudanças na forma como os surdos seriam educados após o congresso, a mais impactante foi a proibição do uso da língua de sinais que foi decidida após uma votação.

O que ocasionou esta decisão foi a premissa de que os surdos não tinham problemas fisiológicos, ou seja para eles os surdos não tinham problemas para falar, portanto as línguas de sinais ou gestuais como eram conhecidas na época deveriam ser banidas e somente se utilizaria o método oral.

A maioria dos educadores presentes eram defensores da utilização do método oralista nas escolas de surdos, eles estavam representados em maior quantidade, incluindo um dos mais influentes representantes do método oralista Alexander Graham Bell, que possuía grande prestígio na área³.

³ Conforme Guarinello, Bell era o mais importante defensor do oralismo nos EUA e tinha como objetivo principal eliminar as línguas de sinais, acabar com os casamentos entre surdos e ensinar a língua majoritária na modalidade oral para os surdos. (GUARINELLO, 2004, p.11)

Os únicos países a votarem contra este método de ensino foram a Grã Bretanha e os Estados Unidos, porém as vozes de seus educadores foram excluídas da votação.

Após a decisão estabelecida pelo Congresso de Milão o método de ensino por meio da oralização foi adotado na maioria dos países e o uso da língua de sinais foi proibido, o que prejudicou a comunidade surda e que atrasou ainda mais a difusão da língua de sinais ao redor do mundo. O Congresso de Milão estabeleceu oito resoluções, sendo elas as seguintes:

1. O uso da língua falada, no ensino e educação dos surdos, deve preferir-se à língua gestual;

2. O uso da língua gestual em simultâneo com a língua oral, no ensino de surdos, afeta a fala, a leitura labial e a clareza dos conceitos, pelo que a língua articulada pura deve ser preferida;

3. Os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação;

4. O método mais apropriado para os surdos se apropriarem da fala é o método intuitivo (primeiro a fala depois a escrita); a gramática deve ser ensinada através de exemplos práticos, com a maior clareza possível; devem ser facultados aos surdos livros com palavras e formas de linguagem conhecidas pelo surdo;

5. Os educadores de surdos, do método oralista, devem aplicar-se na elaboração de obras específicas desta matéria;

6. Os surdos, depois de terminado o seu ensino oralista, não esqueceram o conhecimento adquirido, devendo, por isso, usar a língua oral na conversação com pessoas falantes, já que a fala se desenvolve com a prática;

7. A idade mais favorável para admitir uma criança surda na escola é entre os 8-10 anos, sendo que a criança deve permanecer na escola um mínimo de 7-8 anos; nenhum educador de surdos deve ter mais de 10 alunos em simultâneo;

8. Com o objetivo de se implementar, com urgência, o método oralista, devia ser reunido às crianças surdas recém-admitidas nas escolas, onde deveriam ser instruídas através da fala; essas mesmas crianças deveriam estar separadas das crianças mais avançadas, que já haviam recebido educação gestual, a fim de que não fossem contaminadas; os alunos antigos também deveriam ser ensinados segundo este novo sistema oral. (Baalbaki e Caldas 2011, p.1892)

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

Como já exposto anteriormente, a educação de surdos no Brasil tem início em 1855 juntamente com Huet e Dom Pedro II que fundaram em 1857 o Imperial Instituto de Surdos Mudos voltado para o ensino das crianças surdas. Atualmente a escola se tornou referência nacional na educação de pessoas surdas e funciona com o nome Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O Instituto de Surdos Mudos foi por muito tempo o lugar onde famílias nobres da América do Sul enviavam seus filhos para estudar e dar-lhes educação.

Huet contribuiu com grandes influências da língua de sinais francesa (ASL) para criação da língua de sinais brasileira. Nosso alfabeto manual é inclusive muito parecido com o europeu. Após estes acontecimentos de grande valia para comunidade surda no Brasil, ocorreu o Congresso de Milão, que proibiu o uso da língua de sinais. Segundo Skliar (2005), o Congresso de Milão constituiu não o começo do oralismo, mas a sua legitimação oficial.

Em 1951, o então Presidente Eurico Gaspar Dutra e o Ministro da Educação e Saúde Clementino Mariano regulamentam o Curso Normal de Formação de Professores para Surdos-Mudos, que possuía como objetivo alfabetizar a população surda em território nacional. Neste ano se iniciou a gestão de Ana Rimoli de Faria Dória na direção do Imperial Instituto de Surdos

Mudos. A primeira mulher a gerir o instituto era adepta do método oralista e acreditava na sua eficiência.

Somente no ano de 1970 este contexto de ensino oralista foi alterado, com a influência de Ivete Vasconcelos que visitou a Universidade Gallaudet e descobriu um novo método, conhecido como filosofia da Comunicação Total.

O método da comunicação total é considerado um método filosófico que valoriza o surdo e a sua forma de estabelecer a linguagem se comunicando por diversos meios linguísticos: língua de sinais, gestos, leitura labial, alfabeto manual e etc, porém não respeita os contextos linguísticos dos sinais⁴. Surge após o oralismo e é consolidado nos Estados Unidos entre 1960-1970. Albres (2005) salienta que essa filosofia possui uma maneira de compreender o surdo, ou seja, não é considerado apenas uma pessoa com deficiência, mas significa sua cultura e representações sociais.

Neste método acredita-se que somente o ensino da técnica oralista é prejudicial ao desenvolvimento pleno do indivíduo, seu foco não é limitado ao aprendizado de uma língua e defende a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com as pessoas.

Por não explicitar claramente procedimentos de ensino, a Comunicação total é incorporada, em diferentes lugares, em versões muito variadas, caracterizando-se, basicamente pela aceitação de vários recursos comunicativos, com a finalidade de ensinar a língua majoritária e promover a comunicação. (Ciccone, 1996, p. 47).

Após a chegada deste método muitas escolas passaram a adotá-lo. Mas também não obteve os resultados desejados, visto que sua abordagem defendia o uso simultâneo das duas línguas: a fala e os sinais (bimodalismo) e por serem duas línguas distintas e com estruturas diferentes dificultava a aprendizagem dos alunos.

⁴ Neste método os surdos se utilizam de diversas formas de comunicação, pois o objetivo principal é gerar o diálogo entre os indivíduos, por conta disso não há uma regra específica a ser seguida.

Dez anos após, com os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras surge uma nova filosofia: o Bilinguismo. Após o Congresso em Washington no ano de 1975 foi considerado que durante 100 anos a comunidade surda foi prejudicada pelo método oralista, tanto na educação como no desenvolvimento social dos surdos.

Logo em 1977, é criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA) uma organização que tinha como visão suprir as necessidades dos surdos, porém como a maioria de seus representantes eram ouvintes continuava a excluir a comunidade surda.

Sem saber como é ser surdo, uma comissão composta apenas por ouvintes não seria capaz de identificar e atender a todas as necessidades dessa população, de forma que em 1983 foi criada uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos. Embora não oficializado, o grupo lutava para ser ouvido e participar das decisões da diretoria da Feneida. (Site Feneis)

Quando finalmente em 1987 após muitas lutas da comunidade surda passa a denominar-se Federação Nacional e Educação e Integração dos Surdos (Feneis) que tem como objetivo garantir todos os direitos a comunidade surda, garantindo a inclusão deles a sociedade.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é finalmente regulamentada como segunda língua oficial do Brasil em 20 de abril de 2002 pela Lei número 10.436.

Portanto, observando a história dos surdos no Brasil e no mundo percebemos que as relações de exclusão, falta de assistência e permanência ainda norteiam as trajetórias dos surdos, este trabalho busca investigar de forma coletiva os paradigmas, inquietações, rupturas e permanências nos processos de inclusão e inserção ao ensino superior.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Neste capítulo procuramos investigar, por meio de questionário, a trajetória escolar dos alunos surdos regularmente matriculados no sexto período do curso Letras/Libras da UFRJ. Buscamos compreender como foi o processo de ensino e aprendizagem em que estavam inseridos desde a educação infantil ao ensino médio, suas inquietações e histórias que remetem a este período de suas vidas.

Todo este contexto é importante e necessário para perceber como este sujeito social se reconhece no seu tempo histórico, portanto buscamos analisar como ocorreu a sua inclusão no espaço escolar e também a sua construção identitária frente a surdez, percebendo a influência que a escola possui nesta conjuntura de construção de identidade e nos processos de ensino.

É importante refletir que o aluno surdo que ingressou no Ensino Superior é um sujeito histórico que superou diversas barreiras perpassando por diversos ambientes escolares, sejam estes com práticas inclusivas ou não. Estes múltiplos fatores interferem diretamente na constituição do aluno e da sua aceitação identitária como sujeito surdo, que possui uma língua, cultura e costumes.

Para tanto, é necessário analisar os questionários e perceber qual a ideia de identidade este sujeito social possui sobre si mesmo e como os ambientes perpassados por ele possuem influência nessa formação de identidade.

Os questionários foram previamente elaborados e aplicados aos dez alunos surdos matriculados no sexto período do curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFRJ. Os questionários foram elaborados e aplicados em Língua Portuguesa, segunda língua desses sujeitos surdos. Foram utilizadas perguntas bem básicas para que houvesse uma forma de direcionar a pesquisa de forma leve e descontraída por não estarmos nos utilizando da Libras.

No questionário procuramos identificar brevemente as escolas citadas pelos alunos para buscarmos as especificações das mesmas, além de

investigar que tipo de acompanhamento este aluno obteve no decorrer de sua trajetória escolar (fonoaudiologia, psicologia, apoio pedagógico e etc), notar a contribuição da família no processo de formação do aluno e também verificar, por meio de recortes históricos a formação dos professores e o papel dos intérpretes neste âmbito.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro com dez alunos do curso de Letras/Libras no ano de 2019. Para manter o sigilo e a privacidade dos participantes, os mesmos não serão identificados e serão utilizados nomes fictícios.

O questionário utilizado foi composto por 10 perguntas:

- 1 - Quantos anos você tem?
- 2 - Com quantos anos concluiu o ensino médio?
- 3 - Você reprovou algum ano escolar?
- 4 - Quais as principais dificuldades que encontrou na escola, quando aluno?
- 5 - Em qual escola concluiu o ensino médio?
- 6 - O que você pensa sobre sua vivência escolar?
- 7- Quais sugestões pedagógicas daria para surdos do ensino fundamental?
- 8 - E do ensino médio?
- 9 - Seus professores sabiam Libras?
- 10 - Você permite o uso da sua entrevista na monografia? Você não será identificado.

CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das respostas dos questionários foi possível identificar algumas características quanto ao processo educativo dos alunos:

Estudante	Idade	Escola Especial Pública	Escola Privada Regular	Escola Pública Regular
Cristiane	43			X
Pablo	44		X	
Alexander	27	X		
Esther	35	X		
Alessandra	35	X		
Ana Paula	27	X		
Jéssica	31	X		
Larissa	30	X		
Bruno	37	X		
Michelle	34	X		

Nesses resultados é possível verificar que a maior parte dos alunos que fizeram parte da pesquisa (oito alunos) cursaram o ensino fundamental e médio em escola especial voltada para o ensino bilíngue, um aluno cursou em escola pública regular e um em escola privada regular.

É interessante observar que em relação ao tipo de instituição frequentada pelos estudantes, a maioria destes estudaram em uma escola de referência nacional na educação dos surdos situada no Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). De 10 alunos participantes, apenas dois estudaram em instituições distintas.

Após a análise de dados iniciais do questionário, buscamos investigar suas inquietações sobre o ambiente escolar, destacando que grande parte deles frequentaram uma escola bilíngue de referência na educação básica.

É de grande relevância observar que os responsáveis destes alunos optaram pela modalidade do ensino público e bilíngue. Possivelmente recebem influências das políticas nacionais e internacionais direcionadas para a procura da educação inclusiva, mas optaram pela formação em um Instituto direcionado ao público surdo, valorizando a apropriação da cultura surda desde criança.

Ao analisarmos as respostas da segunda e terceira pergunta do questionário, temos:

Estudante	Idade atual	Idade que concluiu o EM	Reprovou algum ano?
Cristiane	43	17	Não
Pablo	44	17	Sim
Alexander	27	20	Sim
Esther	35	22	Sim
Alessandra	35	21	Sim
Ana Paula	27	23	Sim
Jéssica	31	23	Não
Larissa	30	21	Sim
Bruno	37	22	Não
Michelle	34	18	Não

Com base nas entrevistas, pode-se observar que apesar da maioria dos alunos estudarem em uma escola especial e bilíngue a média de idade que os alunos concluíram o ensino médio é um pouco mais elevada que na escola tradicional para ouvintes, vários fatores intra e extra escolares implicam no processo de ensino aprendizagem e formação do aluno surdo. Portanto,

também podem resultar na reprovação do mesmo. Conforme a tabela acima cerca de seis alunos de dez já repetiram ao menos uma vez algum ano escolar.

Com relação às perguntas 4 (Quais as principais dificuldades que encontrou na escola, quando aluno?), 6 (O que você pensa sobre sua vivência escolar?), 7 (Quais sugestões pedagógicas daria para surdos do ensino fundamental?) e 8 (E do ensino médio?), destacamos algumas respostas:

“Dificuldade escrito português e Libras.” resposta da aluna identificada na tabela de entrevista como Ana Paula.

“Quando eu aprendi muito difícil para entender porque não tinha Libras nada.” resposta da aluna identificada como Michelle.

Podemos pressupor que as inquietações e críticas descritas nas entrevistas são fundamentais para compreender que apesar da maioria dos alunos surdos terem estudado em escola especial, ainda assim há diversos problemas que permeiam a instituição de ensino e o ambiente escolar, como dito anteriormente.

No questionamento sobre as principais dificuldades encontradas quando aluno a questão da escrita em português, segunda língua dos surdos, aparece aproximadamente três vezes na crítica dos mesmos. Portanto, é relevante pensar que as especificidades da língua portuguesa não são as mesmas que a da Libras, as línguas de sinais não se utilizam do mesmo tipo de construção gramatical da língua portuguesa e possuem uma construção espaço-visual.

Um dos questionários respondidos trouxe o seguinte apontamento sobre o processo educacional construído e vivenciado pelos alunos surdos:

“Os surdos precisam de uma educação bilíngue. Primeiro precisam aprender a língua de sinais e depois o português escrito. O bilinguismo é a melhor educação para os surdos. É preciso escolas bilíngues.”

Tal resposta corresponde ao sentido que encontramos no livro “Educação de Surdos: Formação, Estratégia e Prática Docente” do autor Wolney Gomes Almeida (2015). Segundo o referido autor é necessário e

importante que a educação seja bilíngue no processo de alfabetização do aluno surdo. A educação bilíngue é latente e precisa ser efetiva o mais rápido possível, para tal é necessário que as escolas comuns insiram a Libras como disciplina e que as escolas bilíngues introduza a língua portuguesa de maneira não invasiva, como no método oralista, respeitando a identidade surda e sua língua para que estes alunos consigam ter o processo de ensino aprendizagem otimizado e para que se sintam representados.

Quando questionados sobre a experiência de vivência escolar, obtemos as seguintes respostas:

“Eu estudava na escola com ouvintes era muito difícil, não tinha intérpretes, depois entrei no INES melhor.” resposta da aluna Michelle.

Ainda hoje encontramos esta dificuldade nas escolas públicas, a falta de professores, intérpretes e profissionais qualificados é uma realidade que ainda persiste. Este é um fator agravante que dificulta o processo de inclusão no ambiente escolar e que perpetua a exclusão. O Decreto Federal 5626 de 22 de dezembro de 2005, assegura o direito à educação das pessoas surdas e regulamenta o nível de ensino dos profissionais que atuaram na educação de surdos.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

[...]

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

[...]

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação. (Decreto 5626, Cap. VI)

Nas perguntas de número 7 e 8, buscamos questionar o aluno para que por meio de sua vivência e trajetória escolar pense em sugestões e modificações que em sua concepção possam contribuir para o desenvolvimento cognitivo e escolar do aluno surdo na atualidade no ambiente escolar.

“Como sugestão, seria viável incluir Libras como disciplina obrigatória do currículo.” resposta da aluna identificada como Cristiane na entrevista. Temos também a resposta do aluno Pablo que dialoga e acrescenta a resposta da aluna anterior, ele responde da seguinte forma: *“Utilização de materiais diversificada em Libras (Video, video aulas, músicas...) ...”*.

É de suprema importância que a didática do professor com o aluno surdo seja focada na construção visual, o aluno surdo que frequenta um espaço escolar que não é bilíngue pode não compreender o que está sendo exposto por conta da forma que o conteúdo está sendo utilizado. Portanto, é necessário que a didática seja adequada para que o aluno consiga compreender o que está sendo explicado de um contexto visual e não ouvintista.

Ainda na resposta de outro aluno encontramos o seguinte: *“Professores precisam saber Libras bem, porque alunos surdos precisam entender claro para comunicação.”* Mais uma vez a formação do educador está sendo questionada. No Decreto 5626 encontramos regulamentado a formação que este profissional precisa ter para atuar nesta área de ensino, sendo elas:

“Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de

graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no caput. (Decreto 5626, Cap. III).

Como forma de fechar o primeiro ciclo de entrevista, as últimas perguntas foram 9 (Seus professores sabiam Libras?) e 10 (Você permite o uso da sua entrevista na monografia? Você não será identificado.)

Em suma, a resposta dos alunos foi positiva para a questão de número 9 e todos os alunos autorizaram o uso da entrevista, contanto que sem identificação.

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar a trajetória escolar de alguns alunos surdos inseridos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a pesquisa foi realizada no ano de 2019. A trajetória traz a vida as memórias individuais e caminhos percorridos ao longo de cada história, é uma forma de conhecermos e compreendermos um pouco da vivência do outro.

Mediante a breve leitura dos relatos e entrevistas é nítido observar que a educação de surdos ainda necessita de muitos avanços. No Brasil foram identificados 2 principais eixos de análises. O primeiro pode ser visto como a

inclusão da Libras como disciplina curricular de ensino obrigatório na educação básica, pois esta seria uma forma de conhecimento e contato das crianças desde cedo com a língua de sinais brasileira que é, nossa segunda língua oficial. O segundo se caracteriza pela formação adequada de professores e agentes escolares para promover um ambiente educacional inclusivo.

A linguagem é fundamental para o desenvolvimento humano, pois é por meio da comunicação que estabelecemos nossa relação com o mundo e interagimos em sociedade. Portanto, é imprescindível que essa interação aconteça não somente nas escolas bilíngues, como também é essencial que ocorra nas escolas comuns com a inserção da Libras no currículo, desta maneira o sujeito surdo se reconhece e faz uso da Libras como língua materna, além de promover a propagação do conhecimento da Libras aos ouvintes, que é de grande valia para obter uma sociedade que conheça e faça uso da língua de sinais brasileira.

Desta forma, se fizermos uso da língua de sinais a partir da educação básica podemos promover e salientar o que é o aprendizado segundo Vygotsky “[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros” (VYGOTSKY, 2003, p. 117-118).

Portanto, a comunicação da criança surda feita por meio de sua língua é crucial para seu processo ensino aprendizagem. Para tanto, ainda há muito a ser alcançado. Para Mantoan (2003), além do ensino da língua de sinais não ser obrigatório, as escolas pouco se importam com a sua inclusão no ambiente educativo, perpetuando desta forma o preconceito e não somente a exclusão da língua de sinais como também de toda a cultura surda.

A formação de professores é também um dos fatores primordiais que devem colaborar para promover a inclusão em sala de aula, dado que as práticas educacionais são instrumentos essenciais para garantia de socialização entre os alunos e propiciam também o senso ético que abrange e

fomenta a diversidade entre eles, os outros agentes escolares também devem aprender a língua para que possam compreender os alunos surdos e promover um espaço escolar inclusivo por completo e não somente na sala de aula.

Assim sendo, é indispensável que as práticas e didáticas executadas no âmbito escolar possibilitem a aprendizagem refletindo sobre a subjetividade e particularidade do aluno surdo. É de grande importância que a escola faça uso de didáticas pedagógicas adequadas e direcionadas para as experiências visuais, é possível se utilizar de: revistas, jornais, mapas, desenhos, pequenos vídeos e etc, tais elementos imagéticos podem auxiliar a apresentação de um conteúdo pelos professores em sala de aula. A aprendizagem dos alunos ocorrerá de maneira mais rápida e eficaz pois se torna um elemento facilitador do desenvolvimento, porque se aproxima da realidade e promove maior interesse e envolvimento nas atividades.

Após observar a pesquisa e entrevistas é nítido observar que a trajetória escolar dos surdos é uma experiência extremamente complicada e de superação, chegar ao Ensino Superior é um desafio que se constrói diariamente nos diversos âmbitos escolares que perpassam.

Este trabalho tem como objetivo principal promover a reflexão acerca do que este aluno deseja e necessita para conseguir se desenvolver de forma plena nos ambientes educacionais, ciente que os mesmos têm aspirações e expectativas que muitas vezes são frustradas pela falta de estrutura, de políticas públicas inclusivas e de permanência e de preparo dos profissionais que atuam na área.

Portanto, este trabalho chega ao fim com a certeza de que ainda há muito para ser alcançado e pesquisado na educação de surdos, este é só o início da luta de pessoas que buscam ser reconhecidos pela sua língua e cultura surda. Tenho certeza de que com o engajamento e apoio de todos da comunidade surda e também de educadores e educandos podemos cooperar para um bom resultado de alunos surdos inseridos no Ensino Superior nos próximos anos.

BIBLIOGRAFIA

ALBRES, Neiva de Aquino. A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação, em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande, MS, 2005.

ALMEIDA, W. G. (org). Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente [online]. Ilhéus,BA: Editus, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7. Available from SciELO Book

BAALBAKI, A.; CALDAS, B. Impacto do congresso de Milão sobre a língua dos sinais. Cadernos do CNLF, Vol. XV, nº5, T.2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

BRASIL Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõem sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

CARVALHO, P. V. Estudos Surdos I - obras de referência. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

CICCONI, M. Comunicação Total: introdução, estratégias a pessoa surda. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996

DÓRIA. A. R. F. Compêndio de Educação da Criança Surda-Muda. 1. Ed. S/Ed, 1954.

FREIRE. Paulo. Pedagogia do Oprimido. 23ªed. Paz e Terra, 1970.

GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro no processo de construção de produções escritas por sujeitos surdos. 2004. 231 p. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

JUAN PABLO BONET. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Juan_Pablo_Bonet&oldid=57336063
>. Acesso em: 16 set. 2020.

LANE, Harlan. A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada.

Lisboa: Instituto Piaget, 1992. _____ When the Mind Hears: a history of the deaf. Nova York: Vintage Books, 1989.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003, 64p

PEREIRA, R. C. Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

SANCHES, Carlos M. La increíble y triste história de la sordera. Venezuela, 1990.

SKLIAR, C. Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997-a.

STROBEL, Karin. Surdos : vestígios não registrados na história. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008b.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: Obras completas. Tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Trabalho original publicado em 1926).